



Fala Egbé

Informativo dirigido às Comunidades de Terreiros de Candomblé • nº 18 • ano VII • Abril de 2009

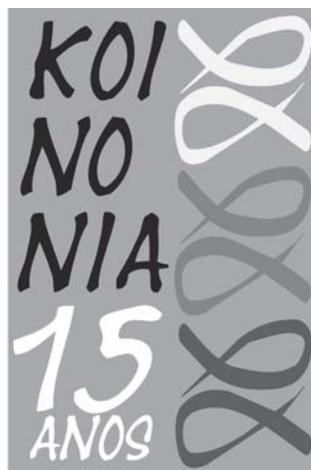
Caminhar com os próprios pés... Mas nunca a sós

Das muitas imagens que representam a vida para o povo de candomblé uma é bastante sensível... Viver é seguir navegando um rio, caudaloso, com belezas que se apresentam, de flores e folhas e peixes, mas também com suas mazelas, correntezas e pedras que se interpõem ao curso da água – sábia água que as contorna com destreza – que nos leva adiante. E este é um ponto especial na sequência do viver no tempo e no espaço.

Nenhuma árvore, tronco ou folha, enfim nenhuma pedra é retirada do nosso caminho, do nosso navegar. É quase como se dissesse: a cada qual seu rio e suas pedras no caminho... Assim mesmo, viver não é fácil, aprende-se desde cedo com os ancestrais. No entanto é bom, muito bom seguir navegando se não se está só... Não há nada que recompense mais alguém de fé do que o sentimento de que não se está sozinho nesse mundo – ver as grandes e inevitáveis pedras no caminho e não estar só para enfrentá-las, contorná-las, isso não tem preço. O rio pode ficar mais manso e as pedras mais arredondadas, é o que se pede às divindades – como filhos, é o que se diz, “cuidamos e esperamos ser cuidados pelas divindades”. Não há fatalismos, há desafios e contornos, mas ao mesmo tempo tudo tem seu tempo e lugar para ser enfrentado... E o tempo? E o quando?

Não há quando sem o quê, tudo que acontece tem um tempo para começar, desenvolver-se e terminar, não porque se mede no relógio o contar dos eventos... Mas porque cada evento tem a sua duração... É como na natureza, uma árvore cresce e dá frutos no tempo certo, é como na culinária: uma comida fica boa no seu tempo, se tirar antes do fogo fica crua, se tirar depois queima... É como a vida, que tem seu tempo e não responde às acelerações e pressas... Ser do candomblé é conviver entre dois mundos em tensão.

Um da correria, da produção dos eventos, da ansiedade ininterrupta, da imposição do relógio ao que se vai fazer. Outro da



disposição para desfrutar dos eventos, da espera que cada coisa comece quando estiver pronta e só acabe quando não houver

mais nada para produzir. Um mundo onde não há atrasos nem antecipações, há apenas o que é preciso, tudo que seja necessário para que aconteça – um mundo litúrgico como uma festa de candomblé, que só começa quando tudo está pronto e no seu lugar, e só termina quando tudo que deveria acontecer aconteceu, se pode desfrutar de tudo.

Mas é da tensão entre mundos que se vive na fé do candomblé. Ora acelerando e sendo atropelados pelos senhores do tempo, do crédito, das máquinas, do pseudoprogresso. Ora despidos de toda fraqueza, afirmando ao mundo quem é o verdadeiro Senhor do tempo...

Na tensão se navega o rio. No rio se contornam as pedras. Nas voltas para casa, ou melhor, para as Casas, que se continua o ciclo dos enfrentamentos.

Enfrenta-se as escaramuças da intolerância religiosa, as exigências de uma sociedade burocrática a serviço de uns privilegiados, as contradições dos preconceitos contra a cor da pele, as desiguais oportunidades... Com a coragem de quem não está só e assume cada batalha desde o seu começo até o fim – sem marcar no

relógio quando vai acabar a luta, posto que aí está, e que só acabará quando se esgotar. Não se espere das famílias do candomblé a desistência, mas a resistência. Afinal as lutas também são vida. E têm seu tempo. E devem ser vivenciadas até que terminem. Sair antes é deixar a luta “crua”, sair muito depois é deixar “queimar” – é um prato que se deve cozinhar.

Nessa compreensão vivemos. Recém compartilhamos da luta das Comunidades de Terreiros pela afirmação do seu lugar como agentes de desenvolvimento. Continuaremos juntos para ver essa lida continuar. KOINONIA não pretende ser como as divindades, a acompanhar os filhos das Casas a navegar pelos rios a encontrar seu rumo. Mas gostaria de continuar, como há 15 anos tem procurado, a ser um apoio no barco, um braço a mais nos remos, uma parceira fraterna, capaz de ajudar nos enfrentamentos, como quem sabe das fraquezas e das artimanhas do mundo que acelera contra os Terreiros e é capaz de ajudar nas lutas. Aqui estamos. Ao lado das Comunidades, no seu caminhar com os próprios pés. Axé.

EGBÉ SELECIONADO PARA MOSTRA NO EQUADOR

pág.2

REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO

págs. 8 e 9

UM TERREIRO, UMA HISTÓRIA: CASA BRANCA

pág. 10

| Ações do Programa | |
|--|---|
| Necessidades dos Terreiros | Caminhos |
| Garantia de posse e propriedade de terra | Formação de associação civil Registro no CNPJ Processos de Usucapião |
| Reconhecimento de direitos públicos | Elaboração de laudos antropológicos Elaboração de laudos etnoecológicos Processo de imunidade de IPTU |
| Garantia territorial e melhoria ambiental | Elaboração de levantamentos planialtimétricos Elaboração de projetos paisagísticos |
| Superação do preconceito e da intolerância religiosa | Ações contra o preconceito e a intolerância religiosa Realização de reflexões e encontros de diálogos que auxiliem as ações contra o preconceito (temas) |
| Projetos sociais e econômicos | Trabalho voluntário Oficinas: bordado; saúde da mulher; direitos de comunidades Outras oficinas |

Projeto de KOINONIA é premiado

O projeto “Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil”, executado pelo programa Egbé Territórios Negros foi um dos dois projetos brasileiros escolhidos pelo Programa Regional de Apoio às Populações Rurais de Ascendência Africana na América Latina - Programa ACUA para participar no evento “Etnoeducação para o desenvolvimento: uma visão desde o afro”.

O evento, de abrangência latinoamericana, está estruturado em torno dos seguintes eixos temáticos: 1) Visão do afro no sistema e nos plantéis educativos; 2) Identidade Étnica e Revitalização da Tradição; e 3) Práticas etnoeducativas e estratégias inovadoras em comunidades afro: um universo

diverso. Tem entre seus objetivos gerar um espaço de socialização das experiências selecionadas e propiciar o diálogo entre algumas organizações que estão trabalhando com o tema para que compartilhem metodologias exitosas e gerem idéias de como vencer obstáculos comuns.

Os organizadores identificaram entre os projetos participantes estratégias e trabalhos realizados em etnoeducação desenvolvidos por líderes, grupos e organizações comunitárias afrodescendentes que oferecem respostas às necessidades e características de suas comunidades.

As oito experiências selecionadas participarão do evento na cidade de Guayaquil, no Equador, nos dias 13, 14 e 15 de abril de 2009.

Projetos selecionados

| Nome da Experiência | País |
|---|----------|
| Las huellas de nuestra historia | Bolívia |
| Capacitação e apoio ao desenvolvimento de Comunidades Negras Tradicionais no Brasil | Brasil |
| Vivência e metaeducação negra | Brasil |
| Ruta Patrimonial del Esclavo en Chile. | Chile |
| Formación integral y rescate del patrimonio afrocolombiano | Colômbia |
| La Etnoeducación camino de salvaguarda de la identidad palenquera “Kasimba suto” | Colômbia |
| Palenqueando por el Puntudo - Identidad étnica y rescate de la tradición afroyapaterana | Peru |
| “Estética en Negro” | Peru |

ASSOCIAÇÃO CIVIL, RAIS E CNPJ

O ano de 2009 iniciou com novas solicitações de apoio para a constituição das associações civis dos Terreiros: Unzó Dandamutalê; Ilê Axé Oká Akí; Ajagunan; e Ilê Axé Burukam Ajunsun.

Muito se fala sobre a necessidade dos terreiros organizarem-se e estruturarem-se para garantir o exercício de seus direitos e melhores oportunidades para a execução de projetos sociais.

Para que isso aconteça, o conhecimento dos caminhos da burocracia governamental se faz imprescindível.

É necessário o conhecimento dos documentos necessários para realização de determinado cadastro; saber acessar determinadas instâncias públicas; saber declarar a movimentação financeira da associação...

Todos estes são pontos importantes para garantir a auto-sustentabilidade da associação representativa do terreiro e a independência da mesma na realização de suas ações.

A autosustentabilidade não se restringe ao âmbito financeiro, mas diz respeito a todo um complexo de fatores que demonstram a capacidade de articular ações e buscar melhorias, conforme o

objetivo desejado. Nesse sentido, a execução de algumas tarefas burocráticas é necessária para garantir uma boa administração e possibilitar o sucesso das ações propostas pelas associações. Sabemos que, todo ano, as organizações têm que declarar a Relação Anual de Informações Sociais – Rais, que consiste na informação relativa aos seus empregados. Como as associações de terreiros não possuem empregados, elas têm que fazer a declaração de Rais negativa. Outra obrigação anual é a declaração de imposto de renda, por meio da declaração de imune. Porém, a realidade nos mostra que a maioria das associações dos terreiros não possui pessoal capacitado para realizar essas declarações, ou mesmo ainda não sabe que deve fazê-las.

Com o propósito de apoiar as organizações e de dar-lhes autonomia administrativa, evitando as inadimplências junto ao Ministério do Trabalho e à Receita Federal, KOINONIA resolveu promover capacitações para que os representantes dos terreiros fossem habilitados a realizar as declarações de suas instituições, que já a partir desse ano devem assumir o compromisso de manter a regularidade da suas entidades.

As capacitações foram iniciadas para a declaração da Rais. Aconteceram no escritório do Programa Egbé, durante todo o mês de março deste ano, com uma agenda pré-estabelecida dentro do prazo oficial da declaração e organizada junto aos interessados. Na oportunidade, à medida que se familiarizavam com o programa específico para a declaração, os próprios representantes designados pelas Casas para esta capacitação preenchem os

formulários e efetivavam a declaração anual obrigatória, dentro de um processo prático de aprendizado.

Participaram deste ciclo representantes das associações dos Terreiros:

Ilê Axé Omin Funkó, Centro Espírita do Caboclo Itapoã, Tumba Junçara, Ilê Axé Obá Tony, Casa Branca, Ilê Axé Kalé Bokun, Ilê Axé Osun Yinká, Nzó Bakisê, Ilê Axé Gezubum, Axé Abassá de Ogum, Viva Deus Bisneto, Unzó Nsumbo Tambula Dicoa Meia Dandalunda, Ilê Axé Odé Tola, Ilê Axé Omin Lonan, Obá Adê Nilá, Vintém de Prata, Ilê Axé Obá Nirê e Ilê Axé Oló Omin.

O mesmo processo de capacitação será realizado para a declaração de imune ao imposto de renda, com início previsto para abril, quando abre o prazo oficial da Receita Federal.

Os interessados devem designar um representante para ser capacitado e entrar em contato com o escritório para agendar o treinamento.

Para fazer essas declarações é necessário ter acesso à internet e ter em mãos os dados completos da entidade (nome completo, CNPJ e endereço); nome e CPF do responsável pela declaração.

É importante lembrar que quem não declarar a Rais ou o imposto de renda no prazo legal estará sujeito ao pagamento de multa. E este ano, o prazo para a declaração da Rais venceu dia 27 de março.

LEMBRANDO!

O prazo da declaração do imposto de renda ainda não foi aberto, mas tem previsão para início ainda em abril.



Momento de capacitação em declaração de Rais.

Oficinas, seminários e parcerias

DIA NACIONAL DE COMBATE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O dia 21 de janeiro, data do falecimento de Mãe Gilda do Axé Abassá de Ogum, já vinha sendo celebrado em cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Vitória, até que, em Lei assinada em dezembro de 2007, passou a fazer parte do calendário oficial brasileiro. A luta agora é Nacional.

Em Salvador, quem está à frente desta luta é a Iyalorixá Jaciara Ribeiro dos Santos, filha consanguínea e sucessora de Mãe Gilda no Abassá de Ogum. Ler sobre o Caso Mãe Gilda nas edições anteriores do Fala Egbé.

Neste momento de mobilização e conscientização nacional contra a intolerân-

cia religiosa, tem destaque em Salvador a Caminhada contra a Intolerância Religiosa e pela Paz, organizada pelo Abassá de Ogum, que se encontra em sua 2ª edição. Realizada na manhã do dia 21 de Janeiro, que neste ano de 2009 caiu numa quarta-feira – dia da semana consagrado a Xangô, Orixá da Justiça -, mais de mil pessoas estiveram presentes na caminhada, caracterizada por um aumento expressivo de participantes em comparação ao ano anterior, em particular dos jovens, no bairro de Itapuã. Os participantes organizaram-se em alas: foram centenas de jovens, crianças, músicos – todos animados pelo bloco afro Malê de Balê, que se apresentou com suas bailarinas. Também marcaram presença o grupo de jovens do Candomblé - Obá Byan,

e o grupo de capoeira Arte Brasil, que se apresentou durante todo o percurso. Também estiveram presentes parlamentares como a vereadora Olívia Santana, autora da lei que instituiu o dia de combate à intolerância religiosa em Salvador, em 2004. Participaram ainda grupos espíritas, igrejas Católica, Católica Ortodoxa, Batista Nazareth e Batista Ortodoxa, Seicho No Ie, Movimento Rastafari, dentre outras; e representantes de Recife, Brasília, Rio de Janeiro e uma caravana do Piauí.

Para Mãe Jaciara *essa caminhada mostrou como um Terreiro de Candomblé pode se organizar e sair para as ruas reivindicando seus direitos. Foi organizada dentro do Abassá de Ogum, mas conseguiu uma surpreendente mobilização, considerando ainda que se tratava de um meio de semana.*

Todo dia deveria ser 21 de janeiro

Polícia abre inquérito para investigar intolerância religiosa em sala de aula - A polícia do Rio investiga uma denúncia de intolerância religiosa na Fundação de Apoio a Escola Técnica (Faetec), em Quintino, no subúrbio do Rio. O fato ocorreu em junho de 2008, quando Felipe Pereira, 13 anos, foi expulso da sala de aula por uma professora e chamado de “filho do demônio” por usar um colar de contas típico dos adeptos de religiões de origem africana. A Faetec emitiu um comunicado oficial ontem pedindo desculpas publicamente ao aluno. Assinado pela professora Maria Cristina Lacerda, vice-presidente educacional da Faetec, o documento afirma que a escola abrirá uma sindicância.

(Fontes: Portal G1 e Jornal Extra, jan./ 2009)

Religioso filma e fotografa agressão de pastor - No dia 13 de janeiro, Cosme Luis Castro da Silva fazia uma oferenda perto de sua casa quando o pastor Romildo, da Igreja Cristo Rio de Vida, interrompeu o ritual na estrada Santa Eugênia, no bairro de Paciência. Cosme da Silva filmou e fotografou a

agressão. Mesmo com fotos, filmagem e testemunha, o crime foi enquadrado como Vilipêndio ao culto religioso, na 35ª DP e não no enquadramento da Lei Caó.

A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa solicitou ao delegado Henrique Pessoa, coordenador do Cinpol e representante da Polícia Civil na Comissão que faça a retificação do RO 035-00522/2009, para o artigo 20 da Lei 7716/89. No fim da tarde desta segunda-feira, o registro foi alterado por determinação do delegado Henrique Pessoa. É o sexto caso onde neopentecostais respondem por crime de intolerância religiosa no Rio de Janeiro.

(Fonte: SRZD Fé em 19/01/2009)

Lançado Guia de Luta Contra a Intolerância Religiosa

- Lideranças de várias denominações religiosas e autoridades públicas das três esferas participaram no dia 21/01, no Rio de Janeiro (RJ), do lançamento do Guia de Luta Contra a Intolerância Religiosa. A cartilha, organizada pelo coronel Jorge da Silva, que é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e ex-secretário estadual de Direitos Humanos, orienta sobre a aplicação do artigo 20 da Lei Caó, que prevê penas de até cinco anos de reclusão para crimes de racismo e intolerância religiosa. A SEPPIR deu apoio institucional à confecção do material, que será distribuí-

do inicialmente a policiais e casas religiosas do Rio.

(Fonte: Boletim Destaque Seppir, n.172)

Combate à Intolerância no calendário oficial de Alagoas

- O Dia de Combate à Intolerância Religiosa passará a ser comemorado anualmente em Alagoas. Lei neste sentido foi sancionada pelo governador Teotônio Vilela Filho, garantindo a inclusão do dia dois de fevereiro no calendário civil para efeitos de comemoração oficial.

(Fonte: Boletim Destaque Seppir, n.172)

Retirada de crucifixo provoca polêmica no TJ

- O novo presidente do Tribunal de Justiça (TJ) do Rio, Luiz Zveiter mandou retirar o crucifixo que estava na sala do Órgão Especial. Zveiter, que é judeu, também desativou a capela que havia no andar da presidência do tribunal e criou um espaço ecumênico, com capacidade para 97 pessoas sentadas, que funcionará a partir da próxima semana. As medidas, comemoradas pela maioria, devem ser vistas com cautela, segundo o representante da Arquidiocese do Rio, para que não contribuam para a intolerância religiosa.

(Fonte: O Globo em 06/02/2009)

CURSO DE IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO

De acordo com a missão de promover a cultura dos afrodescendentes, estimulando o conhecimento, a educação e a divulgação dessa produção por meio das diversas linguagens, o Espaço Cultural Vovó Conceição promoveu, entre fevereiro e abril de 2009, o curso “Identidade e Desenvolvimento”. O curso, realizado em parceria com KOINONIA e apoio da Cese, destinou-se a representantes das associações comunitárias de Terreiros de Candomblé, e objetivou a informação e capacitação sobre a questão da identidade e sua relação com as propostas de atendimento social nas quais trabalham. Contou com a participação das(os) educadoras(es) Marta Alencar, que coordenou a formação e trabalhou aspectos de raça e gênero;

Maria da Conceição Freitas, também no tema gênero; Carla Cristina dos Santos, que contribuiu no debate sobre juventude; Vanja Moraes, do Ingá, que trabalhou os conceitos de meio ambiente, sustentabilidade e racismo ambiental; Serge Pechiné, que trouxe dados de sua pesquisa sobre intolerância religiosa; Mara Vanessa (de KOINONIA), que debateu as questões de desenvolvimento e comunidades tradicionais; e Ester Lisboa, também de KOINONIA, sobre os direitos sexuais e reprodutivos.

A proposta surgiu a partir dos debates e reflexões sobre desenvolvimento e o papel das comunidades negras tradicionais como agentes desse desenvolvimento, dentro das ações do Projeto “Capacitação e apoio às comunidades Negras Tradicionais do Brasil”, do Programa Egbé Territórios Negros, em que algumas questões foram levantadas, como: Que desenvolvimento queremos,

com que cara, com que identidade? Como nós, comunidades negras tradicionais urbanas de Salvador, podemos contribuir para nosso próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento da sociedade de forma geral? Como podemos nos colocar na luta pela garantia dos DHESCA, a partir do que somos e vivemos?



Curso Identidade e Desenvolvimento - Espaço Cultural Vovó Conceição

Foi um processo formativo de reflexões em torno do tema da identidade dos indivíduos e suas coletividades, em que se pensou no desenvolvimento e na promoção dos direitos humanos, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais com equidade, em oficinas baseadas numa metodologia participativa, com dinâmicas de grupo, filmes, debates em plenária e grupos de trabalho.

A formação se deu em duas etapas que compreenderam:

a) a fase de sensibilização, dirigida a representantes das distintas associações (líderes indicados pelos coletivos); e

b) a de aprofundamento, destinada a formar efetivamente um grupo de líderes ou agentes comunitários, identificados entre os que participaram da etapa de sensibilização, com acúmulo de reflexão, nos seguintes temas:

- Identidade e Auto-Estima. Estereótipos e Preconceitos. Valores.

- Ancestralidade. Memória, identidades e cultura. Diversidade cultural africana e contribuição civilizatória. Resistência negra, religiosa, política.

- Gênero. Violência de gênero e o discurso de naturalização da violência. Equidade de gênero e como vivenciar essa equidade.

- Juventude. Participação juvenil. Conceitos de Participação.

- Meio Ambiente, Sustentabilidade, Racismo Ambiental

- Direitos sexuais e reprodutivos

- Identidade no aspecto religioso e intolerância religiosa

- Desenvolvimento com identidade (conceitos, propostas).

- Povos e Comunidades Tradicionais (no Brasil, no mundo). Políticas Públicas e participação das comunidades tradicionais (cenário brasileiro), com enfoque nas comunidades de Candomblé.

As oficinas contaram com a participação de representantes dos Terreiros: Obá Tony, Alarabedé,

Jauá, Vintém de Prata, Viva Deus Bisneto, Ondô Nirê, Abassá de Ogum, Casa Branca, Omin Funkó, Omin J'Obá, Manso Dandalungua Cocuazenza, Oyá Alafumbí e Kalé Bokun. Participaram também representantes das comunidades do Baixo Sul da Bahia e do grupo de jovens do Candomblé, Obabyan. Como continuidade, o grupo pretende manter uma regularidade de discussões, bem como extendê-las às suas comunidades.

Intercâmbio

Duas vagas foram abertas para representantes de comunidades do Baixo Sul, no curso de formação em Identidade e Desenvolvimento. Assim, o debate feito em Salvador foi também como uma oportunidade de formação e de intercâmbio para o grupo de multiplicadores daquela região.

PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS - PAA

Como desdobramento das discussões do Seminário 'Comunidades Negras Tradicionais como Agentes de Desenvolvimento' o Ministério do Desenvolvimento Social – MDS incluiu na sua agenda de capacitação para o PAA - Programa de Aquisição de Alimentos, de forma prioritária, uma oficina para os representantes das comunidades negras tradicionais do Baixo Sul da Bahia.

A oficina, que terá KOINONIA como parceira proponente, e como parceiros o Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Camamu - STR e o Sasop, será a primeira realizada no ano de 2009.

O objetivo desta oficina é capacitar os produtores rurais para acessarem o PAA. Este programa do governo federal consiste em adquirir a produção agrícola local para repasse a instituições locais como escolas e creches. Com isso, ao mesmo tempo em que se busca garantir maior segurança alimentar e nutricional a esses grupos, também se fortalece a agricultura familiar, já que o produtor tem a compra daquela produção garantida.

Segundos as informações do STR, a procura para se inscrever nesse programa tem sido grande em Camamu.

Esta foi uma das principais reivindicações feitas pelas comunidades no Seminário de outubro de 2008 e a oficina é uma oportunidade para que mais comunidades de outros municípios possam acessar essa política pública.

PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO

O principal tema que a equipe do Programa Egbé tem debatido com as comunidades do Baixo Sul, neste primeiro trimestre de 2009, é também um desdobramento do Seminário – que desenvolvimento queremos? Que iniciativas concretas seriam interessantes para impulsionar aspectos desse desenvolvimento?

As comunidades que participaram das reuniões e visitas propuseram a criação de um pólo de comercialização de seus pro-

dutores como artesanatos, farinha, azeite de dendê, doces e marisco. Essa proposta nasceu da observação de que já há alguns impulsos na produção, mas que a dificuldade continua sendo a comercialização.

A idéia que está se firmando é a de se criar um local que poderia se chamar de Espaço Quilombola, que seria um ponto central para venda de produtos de várias comunidades. Para isso, essas comunidades precisam conversar, chegar a acordos e estabelecer um sistema de funcionamento desse negócio comum – o que se encontra em andamento.

Um primeiro passo que as comunidades consideram fundamental é uma ofi-

Que iniciativas concretas seriam interessantes para impulsionar aspectos desse desenvolvimento?

cina sobre gestão, a partir da qual elas possam elaborar um plano de como fazer funcionar de forma conjunta esse pólo de comercialização.

Também surgiram idéias de intercâmbio com algumas iniciativas dos Terreiros de Candomblé de Salvador.

A proposta também objetiva fortalecer os pólos de produção de bordado, marisco e artesanato em geral com intercâmbios e parcerias, para que se possa vencer os obstáculos e firmar a iniciativa.

MONITORAMENTO DA UNIÃO EUROPÉIA

Durante o período de 17 a 21 de março o projeto "Capacitação e Apoio às Comunidades Negras Tradicionais do Brasil" do programa Egbé recebeu a visita de dois consultores externos da União Européia com a finalidade de fazer o monitoramento do projeto.

Os monitores tiveram a oportunidade de conhecer as ações do projeto de perto, analisando os documentos, assistindo vídeos e conversando com pessoas envolvidas no processo, entre parceiros e beneficiários.

Na oportunidade, além das reuniões no escritório com a equipe de trabalho, foram feitas visitas ao Baixo Sul – à comunidade de Jatimane e à sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Camamu, onde puderam conversar com os multiplicadores capacitados pelo projeto. Em Salvador, foram feitas visitas ao Manso Dandalungua Cocuazenza e ao Espaço Vovó Conceição, onde foram observadas oficinas de bordado e corte e costura, além de haver diálogo entre as lideranças locais.

E na qualidade de parceiros e promotores de políticas públicas os representantes do Instituto de Gestão das Águas e do Clima - Ingá e da Secretaria de Relações Institucionais – Serin, participaram de reflexões acerca das impressões sobre as atividades do projeto e os benefícios para as comunidades, além de reafirmarem seus compromissos nesta direção.

NO COMBATE À DENGUE

KOINONIA está dialogando com a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia para o fortalecimento da luta contra a dengue, através da Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde.

A proposta é unir a forças para capacitar agentes dos Terreiros de Candomblé nesta luta.

Segundo a superintendente, Dra. Lorene Pinto, o programa básico consiste numa apresentação sobre as características do vetor (Aedes) e da doença, como ela se comporta na Bahia e de uma parte mais prática de como e onde identificar os principais criadouros e o que fazer com eles. Será uma capacitação que necessitará apenas de um turno de trabalho, porém de efeito muito grande e importante para nossa saúde.

Vamos ficar vigilantes: podemos ser bons cuidadores e mobilizadores para a prevenção nas comunidades.

Localização dos Terreiros atendidos



Mapa de Salvador

RA I Centro

Ilê Erinlé Axé Odé Ifeolá

RA II Itapagipe

Ilê Axé Airá Omim
Ilê Axé Odé Lomin Infan
Ilê Axé Ogum Ladé Iyá Omim
Ilê Axé Omin Leuá
Ilê Iyá Osshum
Terreiro de Oxum do Caminho de Areia

RA III São Caetano

Ilê Axé Idanjeuê
Ilê Axé Obá Inan
Ilê Axé Opó Ibu Alama

RA IV Liberdade

Ilê Axé Omin Amboke
Ilê Axé Ewá Omin Nirê
Ilê Axé Iroko Sun
Terreiro Ajagunan
Terreiro do Vodunô
Terreiro Kanzo Mucambo
Terreiro de Oxalá

RA V Brotas

Axé Abassá de Amaze
Centro do Caboclo Boiadeiro
Centro do Caboclo Oxossi Talami
Centro Matamba de Onato
Ilê Axé Ewé
Ilê Axé Jifulú
Ilê Axé Jualê
Ilê Axé Oluwayê Dey'I
Ilê Axé Oyá Tunjá
Ilê Axé Omin Afonjá Rode
Nzó Mdemboa - Kená
Ilê Axé Omin Odé Azoani
Terreiro Oxossi Caçador
Terreiro Unzó Awziidi Junçara
Tuumba Junçara
Tuumbalagí Junçara
Unzó Dandamutalê
Unzo Katende Dandalunda

RA VI Barra

Sem Registro no Programa

RA VII Rio Vermelho

Ilê Axé Aché Ibá Ogum
Ilê Axé Alarabedê
Ilê Axé Iyá Nassô Oká
Ilê Axé Obá Nirê
Ilê Axé Obá Tadê Patiti Obá

Ilê Axé Omin Deuá
Ilê Axé Onirê Ojuirê
Ilê Axé Oyó Bomim
Ilê Axé Obá Tony
Ilê Obá do Cobre
Ilê Oxumaré
Ilê Axé Oyá Omin Denan
Tanuri Junsara
Ilê Axé Centro de Angola Mensageiro da Luz
Terreiro do Bogum
Terreiro Ogum de Cariri – Kilombo

RA VIII Pituba (Sem Registro no Programa)

RA IX Boca do Rio

Ilê Axé Araka Togum
Ilê Logum Edé Alakaí Koissan
Terreiro Onipó Neto

RA X Itapuã

Axé Abassá de Ogum
Axé Tony Sholayó
Ilê Axé Osun Yinká

Ilê Axé Ominader

Ilê Axé Yeye Jimum
Terreiro Aloia
Terreiro Caboclo Itapuã
Terreiro Oxossi Mutalamô
Terreiro de Oxum da Lagoa do Abaeté
Viva Deus Neto
Terreiro Viva Deus Bisneto
Ilê Axé Ibá Aqueran
Terreiro Gurebetã Gome Sogboadã
Terreiro Monaleuci Um'Gunzo de Un'zambi

RA XI Cabula

Ilê Axé Opó Afonjá
Ilê Axé Oyá Deji
Ilê Axé Tunademi
Terreiro Sultão das Matas
Unzó Bakisê Sasanganuá Gongara Caiango
Unzó Ngunzo Kwa Kayango
Viva Deus Filho
Ylê Yá Yalodeidê

RA XII Tancredo Neves

Ilê Axé Gezubum
Ilê Axé Jagun Bomim
Ilê Axé Lofan Demim
Ilê Axé Obá Fangy
Ilê Axé Olufan Anancidê Omin
Ilê Axé Omin Alaxé
Ilê Axé Omin Togun
Ilê Axé Oyá Omin Olorum
Ilê Axé Pondamim Bominfá
Terreiro de Boiadeiro
Terreiro do Bate-Folha
Terreiro Olufonjá
Terreiro São Roque
Terreiro Sete Flechas
Terreiro Tumbenci

RA XIII Pau da Lima

Funzó Iemim
Ilê Omu Keta Posu Beta

RA XIV Cajazeiras

Ilê Axé Layê Lubo
Ilê Axé Omim J'Obá
Ilê Axé Omin Lonan
Ilê Axé Omin Nita
Ilê Axé Onijá
Terreiro Junçara Kondirê
Unzó de Kaiango
Manso Bandun Kuekue de Inkinansaba Filho
Manso Dandalungua Cocuazenza
Manso Dandoqüenque Dunkinisaba Filho
Moitumba Junçara

Ñzo Sassa Ganzuá Mono Guiamaze
Terreiro Vintém de Prata
Ilê Axé Ogum Omimkayê

RA XV Valéria

Ilê Axé de Ogunjá
Ilê Axé Omim Funkó
Ilê Axé Olo Omin
Ilê Jêje Dahomé Imburací

RA XVI Subúrbios Ferroviários

Onzó de Angorô
Grupo das Sacerdotisas e Sacerdotes do Axé
Ilê Axé Oba Furikan
Ilê Axé Acoró Genã
Ilê Axé Loyia
Ilê Asé Ogum Alakaiyê
Ilê Axé Anandeuiry
Ilê Axé Flor da Mirtália
Ilê Axé Gitolobi
Ilê Axé Jagun
Ilê Axé Jfokan
Ilê Axé Kalé Bokum
Ilê Axé Obá Omo
Ilê Axé Odé Tolá
Ilê Axé Omi Euá
Ilê Axé Omin Loyá
Ilê Axé Unzó Mona de Amean
Ilê Olorum Axé Giocan
Luandan Jucia
Terreiro Caboclo Catimboiá
Terreiro Gidenirê
Terreiro Mucundeuá
Terreiro de Nana
Ilê Axé Arin Massun
Ilê Axé Giroqueme

RA XVII Ilhas

Ilê Axé Airá

Região Metropolitana de Salvador

Ilê Ala Axé
Ilê Axé Burukam Ajunsun
Ilê Asé Maa Asé Ni Odé
Ilê Axé Gum Tacum Wserê
Ilê Axé Jesidea
Ilê Axé Oba Nã
Ilê Axé Ofá Omin
Ilê Axé Omim Lessy
Ilê Axé Ondô Nirê
Ilê Axé Opó Olú-Odé Alayedá
Ilê Axé Oyá
Ilê Axé Odé Obá Lodê
Ilê Axé Odé G'mim
Ilê Axé Taoyá Loni
Ilê Axé Dan Seji Olá
Ilê Axé Bokum
Ilê Axé Igbonan
Sindirátukuã Filha
Terreiro Angurusena Bya Nzambi
Terreiro de Jauá
Terreiro Filhos de Ogunjá
Terreiro Kawizidi Junçara
Terreiro São Bento
Tuumbaengongonsara
Unzó Tateto Lema
Ilê Axé Alalumbí
Ilê Axé Awon Funfun

Outras Cidades

Centro de Candomblé Santa Bárbara (Itabuna)
Ilê Axé Ijobá Oxumarê-Yewá (Itabuna)
Ilê Axé Jitolobi (Araci)
Ilê Axé Kayó Alaketu (Cachoeira)
Ilê Axé Obá Nijó Omim (Muritiba)
Ilê Axé Obé Fará Ogum Lonan - Itabuna
Terreiro Afoxé dos Orixás (Rio de Contas)
Terreiro de Ilhéus
Terreiro Matamba Tombecy (Ilhéus)
Terreiro de Praia do Forte (Mata de São João)
Terreiro de São Sebastião (São Sebastião)

Identidade e Desenvolvimento

Mara Vanessa

Isso é desenvolvimento – temos aqui várias nações, mas todos nos entendemos e estamos juntos trabalhando para fortalecer as nossas Casas, o nosso povo.

Assim a Ekedy Sinha falou no encerramento do curso de Formação em Identidade e Desenvolvimento.

Por que esse título, Identidade e Desenvolvimento? O que tem uma coisa a ver com a outra? Tem tudo a ver. Porque não existe um modelo único de desenvolvimento que sirva para todos os grupos, comunidades, nações, povos. Cada povo, cada comunidade, cada grupo, tem suas diferenças. E nessas diferenças está a expressão de sua cultura.

E a cultura, o que é? Uma definição interessante pode ser esta: cultura como o conjunto de soluções originais que um grupo inventa a fim de se adaptar ao seu meio social e ao seu meio natural. Fazem parte da cultura de um povo ou de um grupo ou de uma comunidade muitos atributos espirituais e materiais, afetivos e intelectuais, que caracterizam aquele povo ou aquele grupo. Aí entram os modos de vida, as comidas, as roupas, os valores, as crenças, as artes, a tecnologia, as línguas, os símbolos, a religião, as formas de tomar decisões e de exercer o poder, as expressões produtivas, as relações econômicas...

E daí, o que isso tem a ver com identidade? A cultura é o alimento da identidade, aquilo que pode fortalecer o grupo nas suas diferenças em relação aos demais, no que tem de especial ou de único. A cultura seria o lugar de força da autoestima de um grupo.

Mas o que é isso de identidade? É uma, ou são várias? É uma coisa fixa, imutável, ou é algo que se constroi?

Identidade é só de pessoas, ou de grupos, de comunidades? E como então falar de identidade e de cultura, e daí chegar ao desenvolvimento?

São vários aspectos que vão formando as identidades das pessoas e dos coletivos. Por exemplo, quando falamos de uma mulher, que mulher é essa? Quais são suas outras identidades? É jovem? É negra? É moradora da periferia? É heterossexual? É de candomblé?



E esses aspectos podem variar, podem mudar. Por isso, as identidades estão sempre se construindo; não é uma coisa que já é dada, não se nasce com a identidade já pronta. Mas é uma construção social, cultural. Vai-se formando, tanto as identidades das pessoas, como as dos coletivos. E vai se formando na convivência, nos conflitos, nos embates, nas referências, naquilo que nos dá mais força para ser o que so-

mos, ou que nos tira força e nos faz buscar proteção nas máscaras.

Usamos muitas máscaras, ao longo da vida, para conseguirmos viver e conviver. E essas máscaras acabam pesando, acabam criando dificuldades para as pessoas respirarem, para as pessoas simplesmente serem elas mesmas. A autoestima das pessoas e dos grupos vai ficando fraca, bem fraquinha, porque o que aparece não é o que a pessoa é, nem o que o grupo de fato é, mas a máscara. E muitas vezes as pessoas e os coletivos ficam vivendo quase que uma vida emprestada, usando a cultura dos outros, o jeito de ser dos outros, desejando um tipo de desenvolvimento dos outros, porque acabam não conseguindo se ver como são, ou com vergonha ou medo de serem como são, de serem o que são.

No entanto, para se tirar as máscaras é preciso ter referências positivas daquilo que somos, é preciso saber quem somos e gostar disso. Por isso se diz que no Brasil ninguém nasce negro – torna-se negro. E muita gente, embora tenha a pele negra, não chega nunca a tornar-se negro. Essa identidade racial é difícil de assumir porque é vinculada a muitas imagens negativas, a uma história que é mal contada, que é feita para baixar a autoestima das pessoas e dos grupos. Tornar-se negro, no Brasil, é uma grande jornada.

Como diz a música hip hop “Quadro Negro”, de Jorge Hilton, “O negro discrimina o próprio negro sim/ Se aquele que apontas como negro não se acha assim/ Cresceu aprendendo que ser negro é feio/ Se é tudo de ruim quem é que quer andar no meio?/ Quem escreveu a história do negro nesse país?/ Basta ver a cor do giz.”

Da mesma forma, o “ser mulher” não é igual para todas as mulheres. O que pode ser uma luta muito importante para uma mulher, pode não significar muito para outra; por exemplo, se pensamos numa mulher grande empresária bem sucedida e numa mulher trabalhadora doméstica. No entanto, há muitos aspectos que podem aproximar essas



Foto: Sérge Pechine

mulheres, como a luta comum pelo fim da violência doméstica, que não atinge apenas mulheres pobres ou negras, ou com pouca escolaridade, mas que é um fenômeno que atinge mulheres em todo o mundo, em todos os países, em todas as classes sociais.

E quando pensamos na juventude, entra outro aspecto. A identidade juvenil tem a ver com um tipo específico de cultura, um modo de ser, de viver, de produzir. Os adultos têm, em geral, muita dificuldade de entender os movimentos dos jovens, porque já não estão vivendo aquela cultura, não conseguem captar seus significados, sua simbologia, e querem que a juventude aja e reaja nos formatos do mundo adulto. Mas a identidade de ser jovem traz toda uma especificidade, e é preciso respeitar e compreender isso. Mais ainda, conviver – uma convivência que pode trazer muita energia boa, muita força, muita alegria, muito movimento.

Outro aspecto da identidade é o da territorialidade. De onde a pessoa vem, ou onde aquele grupo vive. Se é do interior, se é da capital, se é do centro, se é da periferia... Existe uma tendência enorme a desprezar as culturas de quem vem do interior, da área rural, ou de quem vem das periferias. Como se “ser da cidade”, ou mais ainda, “ser do centro da cidade”, significasse ter uma cultura “melhor”, “superior”.

E aí é que está o problema, em todos esses aspectos das identidades: é uma questão de poder. Tem quem se ache mais, quem se ache superior, quem se ache melhor. Assim é com pessoas, com grupos, com nações, e até com países. Quando alguém se acha superior ao outro, pronto, já desqualifica: o que vem do outro é “menos”, não tem o mesmo valor. E aí já fica marcado que a cultura daqueles grupos considerados “inferiores” não tem valor, não precisa ser considerada. É o

Por isso, é importante que tenhamos firmeza de nossas identidades, de quem somos, de nossa história, de nossas referências positivas, de nosso direito de ser quem somos e como somos.

mesmo mecanismo que está na raiz da intolerância religiosa...

Nesse ponto, voltamos ao debate sobre desenvolvimento. O que é considerado desenvolvido, em geral, não está relacionado a pessoas e grupos negros, de periferia, ou de comunidades rurais, e muito menos a comunidades de candomblé. É como se essas identidades tivessem que ser negadas para se ter desen-

volvimento.

E justamente aí é que mora o perigo; aí é que está o erro. Porque nessas culturas estão sabedorias, tecnologias, conhecimentos, valores, artes que têm profundo significado para toda a humanidade. Como é o caso da sabedoria em relação ao meio ambiente e às plantas medicinais, no candomblé. As comunidades tradicionais têm muito a ensinar à cidade, ao mundo. Têm outros formatos e modelos de desenvolvimento a propor, com outros valores centrais.

Por isso, é importante que tenhamos firmeza de nossas identidades, de quem somos, de nossa história, de nossas referências positivas, de nosso direito de ser quem somos e como somos. É importante termos identidades reforçadas, identidades conscientes, e compreender a força de nossa cultura, daquilo que fazemos, que produzimos, e que enche de beleza e de significado o mundo à nossa volta.

Porque, como disse o escritor russo Léon Tolstói, “eu vejo o mundo pelos olhos da minha aldeia”. E seria bom demais que o mundo também se visse, pelo menos um pouquinho, pelos olhos dessas comunidades.

Mara Vanessa é jornalista, coordenadora pedagógica do Projeto de Capacitação e Apoio das Comunidades Negras Tradicionais do Brasil, de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Terreiro da Casa Branca

O templo é um dos mais antigos santuários brasileiros da religião dos Orixás. Consagrado a Oxossi e Xangô, este Ilê Axé tem raízes em dois grandes centros da civilização iorubana: as cidades sagradas de Ketu e Oiô.

A data de fundação varia entre 1788, com a chegada dos primeiros nagôs e ketus da Bahia, em 1830, de acordo com algumas fontes. Teve sua primeira implantação em um terreno situado nos fundos da Igreja da Nossa Senhora da Barroquinha e foi transferido, por volta de 1855 para a Av. Vasco da Gama.

O Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho - Ilê Axé Iyá Nassô Oká, foi o primeiro templo religioso não católico a ser tombado como Patrimônio Histórico e Etnográfico do Brasil, através do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN, em 31/05/1984, nos termos da lei federal nº6.292 de 15/12/1975. Através do decreto municipal nº6.634, de 04/08/1982, foi reconhecido como área de preservação simples do município de Salvador e pela lei municipal nº 3.591, de 16/12/1985, como Área de Preservação

Cultural e Paisagística - APCP.

O terreiro, no seu conjunto, pertence a Oxossi, o senhor da terra, cuja festa é celebrada no dia de Corpus Christi, e o barracão central pertence a Xangô, o senhor da Casa, cuja festa é celebrada no dia de São Pedro.

A Casa Branca deu origem a centenas de terreiros por todo o país. Dele descendem, por exemplo, os famosos templos do Gantóis e do Axé Opô Afonjá, que também originaram inúmeros outros.

Segundo os registros da tradição deste *egbé*, a primeira Iyalorixá e fundadora do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, *Iyá Nassô*, foi sucedida por *Iyá Marcelina da Silva*. Depois, veio a *Iyá Maria Júlia Figueiredo*, sucedida por *Iyá Ursulina Maria de Figueiredo*. A esta sucedeu



Mãe Tatá - Iyalorixá do Ilê Axé Iyá Nassô Oká

a *Iyá Maximiana Maria da Conceição*. Seguiu-se-lhe a *Iyá Maria Deolinda Gomes dos Santos*, sucedida pela *Iyá Marieta Vitória Cardoso*, cuja sucessora é a atual Iyalorixá da Casa, a Venerável *Altamira Cecília dos Santos* – A Mãe Tatá.

A Associação São Jorge do Engenho Velho, sua mantenedora, foi criada em 25 de julho de 1945.

Diz o lema da Casa: *Aquele que faz o bem, faz bem a si mesmo; aquele que faz mal, faz mal a si mesmo. Se tua consciência é pura, o mal não há de te alcançar.*



Arelson Chagas - Presidente da Associação São Jorge do Engenho Velho



Almoço de Trabalho e Fraternidade

Em clima de festa e comemoração estiveram presentes 106 pessoas representantes de 61 terreiros de Salvador e região metropolitana e das comunidades de Jatimane (Nilo Peçanha); Pimenteira e Porto do Campo (Camamu); e Laranjeira (Igrapiúna), da Região Baixo Sul da Bahia, onde o Programa Egbé também tem atuação junto às comunidades negras rurais.

O motivo da comemoração, além da crescente satisfação em estarmos juntos avaliando, planejando e contribuindo para a melhoria das ações do Programa Egbé Territórios Negros, foi a reflexão a respeito do Seminário “Comunidades Negras Tradicionais como Agentes de Desenvolvimento”, realizado entre os dias 29 e 31 de outubro passado.



Neste encontro, aqueles que participaram do seminário fizeram ecoar aos que não tiveram condição de comparecer a importância das discussões ali geradas e as perspectivas da implementação e/ou fortalecimento de ações que apoiem o desenvolvimento das comunidades, a partir dos governos muni-

cipal, estadual e federal. Para saber detalhes do seminário e os compromissos assumidos pelo governo veja o Fala Egbé 17.

O Almoço foi aberto com uma oração da Iyá Jaciara – Axé Abassá de Ogum, e encerrado com uma oração conjunta, em que todos e todas cantaram e dançaram, saudando o dia e os Orixás.



Lista dos Terreiros Presentes no Encontro do dia 29 de novembro de 2008

Axé Abassá de Ogum

Casa Branca

Casa de Mesa Branca Raio do Sol

Centro do Caboclo Mina de Ouro

Ilê Asé Toloumogi

Ilê Axé Ajagonon Elegbo

Ilê Axé Alafumbí

Ilê Axé Alarabedê

Ilê Axé Anandeu

Ilê Axé Ayrá (Ilha de Mar Grande)

Ilê Axé Gezubum

Ilê Axé Igbonan

Ilê Axé Jfokan

Ilê Axé Jifulú

Ilê Axé Jitolobi

Ilê Axé Kalé Bokun

Ilê Axé Lofan Demin

Ilê Axé Obá Furican

Ilê Axé Oba Ina

Ilê Axé Obá Oyó

Ilê Axé Oba Tony

Ilê Axé Odé G'min

Ilê Axé Ofá Omin

Ilê Axé Oju Oji Odeican

Ilê Axé Ojuirê

Ilê Axé Olufan Anancidê Omin

Ilê Axé Omim Anibé Nirê

Ilê Axé Omin Arin Massun

Ilê Axé Omin Funkó

Ilê Axé Omin J'Obá

Ilê Axé Omin Landê

Ilê Axé Omin Nijá

Ilê Axé Ominidê

Ilê Axé Onadô Ne Osum

Ilê Axé Ondô Nirê

Ilê Axé Onicofá Bonijá

Ilê Axé Oxossi Talami

Ilê Axé Oyá

Ilê Axé Tunadeni

Ilê Dele Oiá

Ilê Yá Yalodeidê

Ilê Yíá Osshum

Nzó Sasaganzuá Mono Guimaze

Terreiro Pena Branca

Terreiro Águas de Efan

Terreiro Caboclo Catimboiá

Terreiro de Jauá

Terreiro de Oxum (Caminho de Areia)

Terreiro Guerebetá Gome Sogboadã

Terreiro Kawizidi Junçara

Terreiro Manso Dandalungua

Cocuazenza

Terreiro Olufanjá

Terreiro Oxossi Mutalambô

Terreiro Oyá Matamba

Terreiro Pena Branca

Terreiro São Roque

Terreiro Tumba Ngongo Sara

Terreiro Tuumba Junçara

Terreiro Vintém de Prata

Terreiro Viva Deus Bisneto

Terreiro Viva Deus Filho

APOIO



FORD FOUNDATION



CHURCH WORLD SERVICE



NORWEGIAN CHURCH AID

United Church of Canada (UCC)



Canadian
International
Development
Agency

Agence
canadienne de
développement
international



União Européia



PARCERIA



Trabalhando para
melhorar a vida
das pessoas.



Este informativo é produzido pelo Programa Egbé Territórios Negros de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. Dirigido às comunidades negras urbanas de Candomblé e às redes de solidariedade civil e ecumênica.

EDITORIA: Jussara Rêgo e Rafael Soares de Oliveira

REDAÇÃO DE ATIVIDADES: Equipes do Programa Egbé TN

SECRETÁRIO EXECUTIVO DE KOINONIA:

Rafael Soares de Oliveira

REVISÃO: Helena Costa

PROJETO GRÁFICO: Martha Braga

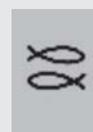
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Nádia Pinho

IMPRESSÃO: Fast Design

FOTOS: Arquivo de KOINONIA

E-mail: falaegbe@koinonia.org.br

ISSN: 1981-7568



KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel (21) 3042-6445
Fax (21) 3042-6398
koinonia@koinonia.org.br
www.koinonia.org.br



PROGRAMA EGBÉ TN
Travessa d' Ajuda, nº 37, Edf.
Martins Catharino, sala 1203 - Centro.
CEP: 40020-030. Salvador - Bahia
Tel.: (71) 3266-3480
projetoegbesalvador@koinonia.org.br